

Um novo compromisso pela escola pública

18-Out-2007

TEXTO DE CECÍLIA
HONÁRIO - Deputada do BE

1.

A igualdade de oportunidades tornou-se o desafio natural da democratização do sistema de ensino. Mas como tem evoluído a escola pública em Portugal no combate às desigualdades sociais?

Qual a dinâmica prevalente: reprodução e/ou mudança social? A escolarização contribui para a redução das assimetrias territoriais?

As políticas de organização do território e a debilidade das políticas públicas de educação foram escavando hierarquias: há as escolas de elite (aquelas que o governo prefere para as elites) e as outras (algumas delas, guetos desconhecidos). No meio, uma malha mais difusa, mas nem por isso limpa de critérios de segregação, que se foram banalizando no silêncio (critérios de constituição de turmas, as turmas dos bons e as dos maus, critérios de atribuição de turmas a professores, entre outros).

Que propostas para denunciar e desfazer as malhas, a visível e a invisível, das desigualdades?

2.

Os pobres aumentaram, a pobreza tornou-se vergonha também. A ação social escolar é uma vergonha, ainda maior no ensino secundário.

As escolas vão tapando a realidade crua com esquemas assistencialistas.

A defesa da escola pública exige a prioridade, consensual aliás (Â© conclusÃ£o do Debate Nacional de EducaÃ§Ã£o, por exemplo), do trabalho em rede com todos os profissionais e tÃ©cnicos, dos psicÃ³logos aos mediadores, que acompanhem e apoiem os vÃ¡rios caminhos entre a comunidade, a famÃ-ia, a escola.

E sem intervenÃ§Ã£o social e sem criaÃ§Ã£o de emprego, nÃ£o hÃ¡ milagres nem varinhas mÃ¡gicas para os contextos de partida dos alunos.

Mas nÃ£o sÃ£o estas crianÃ§as e jovens o maior laÃ§o no compromisso de esquerda de agentes de esquerda, a comeÃ§ar pel@s professores?

3.

As desigualdades sociais continuam a transformar-se em desigualdades escolares? A escolarizaÃ§Ã£o das mÃe-es Â© um dos mais poderosos marcadores sociais. As taxas de abandono e insucesso precoce sÃ£o muito mais elevadas entre crianÃ§as cujas mÃe-es tÃªm baixos nÃ-veis de escolaridade. A classe social de origem dos pais fractura os nÃ-veis de sucesso entre os filhos das classes favorecidas e os outros*.

Os filhos destes contextos afinam os perfis de filhos-alunos que alimentam as escolas. Os rapazes estÃ£o sobrerrepresentados no abandono, entre os que reprovam e aqueles que tÃªm carreiras escolares mais curtas e sÃ£o, por excelÃªncia, os enjeitados dos CEFÂ™s.

No tempo da âœenergia escolar femininaâ€• (e onde a distÃªncia entre rapazes e raparigas no sistema de ensino portuguÃs Â© mÃxima entre classes desfavorecidas e mÃ-nima entre favorecidas), nÃ£o se exige nada Ãs escolas? EstÃ£o as escolas preparadas para prevenir estas âœfatalidadesâ€• de gÃnero?

Qual Ã© a sua
responsabilidade e a dos seus profissionais na discriminaÃ§Ã£o
por classe, gÃ©nero, orientaÃ§Ã£o sexual e etnia,
ou sÃ£o inimputÃ¡veis?

4.

Estado a mais ou a menos? A banalizaÃ§Ã£o
do discurso do Estado a mais oculta a realidade: debilidade
do Estado na afirmaÃ§Ã£o de polÃticas pÃblicas
para a educaÃ§Ã£o.

Ã% nesta linha que a recente vaga de
autoritarismo tambÃm deve ser entendida.

Ela esconde a debilidade do poder mas
revela, tambÃm, essa espÃcie de fatalidade na evoluÃ§Ã£o
do sistema nacional de ensino: as assimetrias
entre discursos, legislaÃ§Ã£o e realidades e a neblina que
paia sobre o serviÃço pÃblico de educaÃ§Ã£o como
fundador de democracia.

Se o Estado Ã© fraco, a sociedade vacila
e, na indecisÃ£o, serÃ¡ mais fÃcil abrir portas Ã promiscuidades
entre o pÃblico e o privado.

E se o Estado nÃ£o foi, e nÃ£o Ã©, forte
na assunÃ§Ã£o de polÃticas pÃblicas para a
educaÃ§Ã£o, qual o quadro das âœœautonomiasâ€• e o porquÃ desta
onda escola-a-escola?

5.

O impacte da vaga neoliberal deixa mais
rasto do que a retÃrica defensista da escola
pÃblica?

O discurso do poder diaboliza os inimigos da escola pública (dos professores À Deco, entre outros), mas a realidade vai desenhando hierarquias claras em nome do «emrito»: entre escolas (escolas de bons e maus resultados) e profissionais (vide concurso para professores titulares). Penetra a gestão por resultados, traduzida numa nova cultura burocrática, a empresarialização do parque escolar (está criada a entidade pública empresarial que tem nas mãos parte do património público do ensino secundário e não há sinais de que o processo estanque) e a selva criada À volta das actividades de enriquecimento curricular são indicadores da fome de mercadorização.

Está solidamente instalado o mercado da educação em Portugal?

6.

Professores e trabalhadores de educação num beco sem saída?

A representação destes trabalhadores do ensino não superior não se colou nem À s especificidades do trabalho intelectual nem À s da função pública. Hoje, o risco é que nem trabalhadores intelectuais nem funcionários públicos.

A fractura da carreira em duas acabou por rebentar com a marca identitária dos professores que fizeram a democratização da escola pública: a horizontalidade.

Por outro, a precarização deste grupo profissional tem duplos contornos: o do desemprego, da humilhação de deslocações sem quaisquer apoios (realidade com décadas, retenha-se) e o da exclusão social, uma vez que são os mais desfavorecidos que continuam a querer ser professores.

A debilidade das representações e

equívocos das reivindicações foi agravada pela multiplicação de funções, missões e aumento do horário de trabalho.

Com o tempo do bloqueio, do transbordamento: multiplicaram-se as missões e os conteúdos (o saco não se enche e estoura a rebentar pelas costuras; ao velho acrescentou-se tudo). Como sair?

7.

A batalha do sucesso foi ganha pelo governo? Na debilidade da representação da escola pública e da qualidade de serviço público dos seus profissionais, o insucesso como marca do rigor, de qualidade e de superioridade dos saberes foi impune durante demasiado tempo. Mais torneada pela lei, a retenção na escolaridade obrigatória, que urge discutir, ainda é um peso em dinheiro e vidas.

Mas a batalha foi apenas meio ganha. O governo resiste ao 3º ciclo, à reforma curricular nos segundo e terceiro ciclos, o governo resiste às necessidades dos alunos, incapaz de uma oferta de saberes e aprendizagens para a vida, resiste a perceber que as crianças portuguesas passam demasiado tempo na escola e, na sua coroa de glória, a oferta de enriquecimento curricular no primeiro ciclo, que mais escola sobre a escola, estoirando com crianças e professores.

Qual é o compromisso de esquerda no combate ao insucesso e ao abandono num contexto de avanço do neoliberalismo?

1. Ver Ana Nunes de Almeida e Maria Manuel

Vieira, A Escola em Portugal, 2006)

2. Ver Ant3nio N3voa,

Evidentemente.